

Varia

O lugar e o não-lugar dos refugiados na narrativa "diário da queda", de Michel Laub

The Place and Non-Place of Refugees in the Narrative
Diário da Queda by Michel Laub

Thiago Felício Barbosa Pereira¹ 

¹ Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar como os refugiados são retratados no romance *Diário da queda*, de Michel Laub. A análise leva em consideração os relatos escritos pelo narrador, neto de sobreviventes do campo de Auschwitz, o qual os descreve como pessoas sujeitas a adaptar-se num lugar diferente do de origem. Na narrativa fragmentada o narrador encontra vazão para seus pensamentos que ora falam do lugar no qual se vive, ora remetem a uma lembrança do lugar onde vivenciou experiências traumáticas. Para isso, vale-se da contribuição teórica de Marc Augé (2003) que formula a ideia de lugar e não-lugar. Outro teórico importante para este trabalho a fim de compreender a condição de refugiado em outros espaços foi Edward Said (2003), que investiga a posição deste na situação recorrente de exílio. Para esta análise serviu-se também das contribuições de Benjamin (1994) acerca do narrador e seu papel na narrativa, uma vez que a obra aqui analisada apresenta em sua composição o relato de uma voz silenciada e Spivak (1999), cuja contribuição teórica aborda a possibilidade de discurso e voz do subalterno. Assim, o referido trabalho considera os espaços constituídos e ocupados pelos refugiados como recurso também da linguagem e produção de memória, visto que o lugar e o não-lugar contribuem para a relevante questão da memória.

Palavras-chave: Não-lugar; Memória; Refugiados; *Diário da queda*; Michel Laub

ABSTRACT

This paper aims to analyze how refugees are portrayed in the novel *Diário da Queda* by Michel Laub, as well as to reflect on the concepts of place and non-place within the narrative. The analysis considers the written accounts of the narrator, the grandson of Auschwitz survivors, who describes refugees as individuals forced to adapt to a place different from their homeland. In the fragmented narrative, the narrator finds an outlet for his thoughts, alternating between reflections on the place where one currently lives and memories of a place marked by traumatic experiences. This study draws on the

theoretical contributions of Marc Augé (2003), who conceptualizes the notions of place and non-place. Another key theorist in understanding the refugee condition in new spaces is Edward Said (2003), who examines exile as a recurring condition. Furthermore, this research incorporates Walter Benjamin's (1994) insights on the role of the narrator in storytelling, considering that *Diário da Queda* presents the testimony of a silenced voice, as well as Spivak's (1999) perspective on the possibility of discourse and the subaltern's ability to speak. Thus, this study considers the spaces occupied and constructed by refugees as elements of both language and memory production, recognizing that the interaction between place and non-place plays a crucial role in shaping memory.

Keywords: Non-place; Memory; Refugees; *Diário da Queda*; Michel Laub

O “LUGAR” ANTES DA QUEDA OU UMA BREVE INTRODUÇÃO À ANÁLISE

Este artigo visa analisar como os refugiados são retratados no romance *Diário da queda*, de Michel Laub, bem como refletir sobre o lugar e o não-lugar deles no espaço da narrativa. A análise leva em consideração os relatos escritos pelo narrador, neto de sobreviventes do campo de Auschwitz, o qual descreve-os como pessoas sujeitas a adaptar-se num lugar diferente do de origem. A narrativa sugere que os retalhos a que o narrador tem que unir objetivam compor uma memória possível. Assim, é nesses fragmentos que o narrador encontra vazão para seus pensamentos que ora falam do lugar no qual se vive, ora remetem a uma lembrança do lugar onde vivenciou experiências traumáticas. Para isso, vale-se da contribuição teórica de Marc Augé (2003) que formula a ideia de lugar e não-lugar. Enquanto o não-lugar seriam os espaços pelos quais os moradores urbanos transitam comunicando-se de forma prescritiva e/ou até mesmo impositiva, o lugar seria aquele oposto, no qual este se complementa pela fala e troca exclusiva de alguns códigos implícitos social e culturalmente.

É sobretudo pela reflexão da experiência e visão de mundo dos exilados, refugiados e expatriados que Said compartilha e teoriza sobre a perda desorientadora das próprias raízes, contribuindo, pois, para a concretização do não-lugar dos refugiados. Para esta análise serviu-se também das contribuições de Benjamin (1994) acerca do narrador e seu papel na narrativa, uma vez que a obra aqui analisada

apresenta em sua composição o relato de uma voz silenciada e Spivak (1999), cuja contribuição teórica aborda a possibilidade de discurso e voz do subalterno. Diante disso, o trabalho em comento representará um arcabouço teórico importante para o entendimento das subjetividades e vivências dos refugiados e excluídos da narrativa aqui comentada.

O destaque para *lugar*, no título desta seção, diz respeito, metaforicamente àquele que ocupa a narrativa antes do acontecimento que desencadeará toda a trama da história. *Diário da Queda*, do escritor gaúcho Michel Laub, foi lançado em 2011 pela editora Companhia das Letras e quase imediatamente alcançou um grande sucesso. O escritor e também jornalista, já havia publicado outros romances, como *Música Anterior* (2001), *O gato diz adeus* (2009) e outros que tematizam sobre assuntos tão diferentes que o fazem um autor versátil. Muitas de suas histórias têm em comum um elemento bem constitutivo: a memória. É sobre ela, portanto, que também trataremos aqui neste artigo.

Diário da queda reflete a vida de um homem maduro, já no auge dos quarenta anos, mais ou menos, que empreende uma busca de si mesmo, e do passado de sua família, ao reconstituir justamente as suas memórias. Enquanto as faz, reflete ainda sobre a tragédia do Holocausto dos judeus europeus na Segunda Guerra Mundial. Assim, o livro acompanha, de forma fragmentada, o caminho percorrido por três gerações da mesma família, mas especialmente a vida de três homens dela. Se o narrador se atém a questões complexas para dimensão humana depois dessa tragédia, o mesmo também faz com relação a sua infância marcada por um acontecimento que o traumatiza. Com treze anos, o narrador, em conluio com outros colegas da escola, trama um acidente de um deles numa festa de aniversário. A brincadeira que prova o acidente consiste em, durante uma roda, jogar um dos colegas para cima e deixá-lo cair no chão. Tudo começou, na verdade, quando ele participou dessa brincadeira de mau gosto com um colega que não era judeu (um góí). Na ocasião, o rapaz fazia treze anos, idade do *Bar Mitzvah*, e seus colegas o jogaram para cima, fazendo com que ele

caísse de costas no chão. Essa queda lhe causou problemas que precisaram de meses de fisioterapia para melhorar. É a partir desse mote inicial que ele vai construir suas reflexões já na fase adulta, pois depois desse fato virão frequentes discussões com o pai, mudanças de escola e de cidade, adolescência difícil até culminar num casamento conturbado, com violência e euforia.

É fundamental compreender que o título do livro *Diário da Queda* carrega um significado profundo, pois remete tanto à queda planejada de João em seu décimo terceiro aniversário e aos traumas que dela advêm, quanto a outras quedas ao longo das gerações. A queda moral do avô, culminando em seu suicídio após anos de aparente normalidade; a decadência do pai, consumido pelo Alzheimer; e a própria derrocada do narrador-personagem, entregue às drogas e ao álcool, compõem uma cadeia transgeracional de declínio. No entanto, a quarta geração surge como um possível sinal de esperança: ao narrar a história da família, o protagonista sugere a possibilidade de romper com o ciclo de violência e não reproduzir com seu filho o mesmo padrão que marcou sua trajetória.

O LUGAR E O NÃO-LUGAR DOS REFUGIADOS EM *DIÁRIO DA QUEDA*

As reflexões do narrador ora transitam entre a queda do amigo, ora entre a trajetória da família, que se refugia no Brasil no período da guerra. A família, forçada a buscar um lugar que lhe caiba, que não a isole nem constranja, é a família de refugiados que carrega em si a perda do próprio espaço, transita no da modernidade em busca de outro que lhe seja acolhedor, mas também de um lugar que não a impeça de construir sua própria identidade. Refiro-me a essa noção de lugar porque, como nos lembra Marc Augé, não-lugar é, pois, este espaço onde não se pode definir “nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico” (Augé, 2003, p.73).

Assim, nesta vida de supermodernidade onde a identidade apresenta-se marcada por memória e um espaço construído por interesses, os personagens

refugiados na literatura do escritor Michel Laub em *Diário de queda* inserem-se neste não-lugar pautado pelos testemunhos do passado, cujos acontecimentos da memória contribuem para uma construção de interatividade neste novo espaço onde estão. Marc Augé caracteriza esta supermodernidade pelas “figuras” mencionadas pelo autor de excesso”, referindo-se à superabundância espacial e à individualização das referências, as quais nos levam à necessidade de entender a mudança das categorias de tempo, de espaço e pessoa.

Segundo Said “Os exilados olham para os não-exilados com ressentimento. Sentem que eles pertencem a seu meio, enquanto um exilado está sempre deslocado.” (Said, 2003, p. 54). A pensão Sesefredo, onde o avô se hospeda ao chegar ao Brasil, é um não-lugar por excelência: um espaço de passagem, sem história ou enraizamento. Assim, a pensão Sesefredo acolhe refugiados de diversas nacionalidades, mas todos compartilham uma sensação de não pertencimento. Esse espaço reforça o dilema da identidade fragmentada dos personagens: é um lugar de sobrevivência, mas não de pertencimento.

Logo, percebe-se que a memória é o “lugar” em que o sujeito encontra sua subjetividade, podendo, até mesmo, tornar-se um espaço de exílio, como defende Jeanne Marie Gagnebin em *Memória, história e testemunho* (Gagnebin, 2006, p. 51). Gagnebin ainda retoma o raciocínio de Walter Benjamim, em *Experiência e pobreza* para afirmar que “(...) o indivíduo burguês procura um refúgio contra o anonimato cruel da grande cidade (e da grande indústria)”. (Gagnebin. 2006 p. 88). Assim, poder-se-ia interpretar que no livro *Diário da queda*, o avô do narrador adquire uma espécie de topofobia: “Meu avô não gostava de falar do passado. O que não é de estranhar, ao menos em relação ao que interessa: o fato de ele ser judeu, de ter chegado ao Brasil num daqueles navios apinhados...” (Laub, 2011, p. 8). É como se relembrar o espaço vivido e experienciado fosse um trauma de si e de todos os outros submetidos ao campo de concentração. O avô do narrador, portanto, busca fugir do anonimato escrevendo, narrando e contando as suas experiências na narrativa de Diário. Essa relação também se manifesta paradoxalmente em seus cadernos. Durante anos, ele

se dedica à escrita, mas omite justamente o acontecimento central de sua existência: “não há uma linha sobre o campo em si” (Laub, 2011, p. 26).

Para Stuart Hall, todas as identidades estão situadas em um espaço e tempo simbólicos. O lugar é específico, concreto, conhecido e delimitado, representando “o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (Hall, 2006, p. 72). No entanto, no romance, essa identidade é instável. O narrador sente-se deslocado mesmo em sua própria família, pois seu avô silenciou seu passado e seu pai, por sua vez, vive o trauma herdado do Holocausto, sem conseguir transmiti-lo.

O romance de Laub também dialoga com Stuart Hall, que argumenta que a identidade é uma construção simbólica, enraizada na memória e na experiência histórica: “As memórias de meu avô podem ser resumidas na frase: como o mundo deveria ser, e as do meu pai: como as coisas foram de fato.” (Laub, 2011, p. 146) Esse trecho mostra o conflito entre diferentes gerações e a ruptura da tradição, um tema também explorado por Benjamin. O narrador precisa escrever sua própria história para se situar no mundo, mas nunca tem certeza se consegue reconstruir o passado de maneira fiel.

Em *Diário da Queda*, essa socialização ocorre de maneira intimista, proporcionando aos ascendentes do narrador uma familiaridade consigo mesmos e com os outros, mas também gerando uma certa (des)familiarização em relação aos demais. Um exemplo disso é o avô, que não costumava compartilhar suas memórias oralmente com o filho ou outros familiares, privando-os do conhecimento sobre sua trajetória como sobrevivente de Auschwitz. Esse silêncio se assemelha à experiência testemunhada em livro por Primo Levi, escritor italiano que também sobreviveu ao campo de concentração e registrou sua vivência em diversos livros sobre a Shoah. O narrador menciona repetidamente Levi, estabelecendo um paralelo entre o testemunho do avô e os relatos do escritor, que, além de químico e sobrevivente, tornou-se uma das vozes mais importantes da literatura memorialista do século XX. Entre suas obras, destaca-se *É isto um homem?* (2004), um dos relatos testemunhais

mais marcantes sobre a experiência nos campos de extermínio nazistas. Até mesmo o suicídio de Primo Levi parece tornar-se um acontecimento de clara paráfrase para a morte de um personagem da história. É que assim como Levi, o avô do narrador escreve num diário contundente e doloroso a sua vida no período da guerra.

A exemplo do que ocorreu com Primo Levi, sobrevivente que nunca conseguiu libertar-se do trauma de Auschwitz, o avô do narrador também sobrevive, narra e, nos dizeres de Primo Levi, “sucumbe”. Além disso, a memória é um tema que fortemente desenvolve a trama, pois o pai do narrador é diagnosticado com Alzheimer e, com isso, o próprio narrador relembra sua vida. Temos, assim, três histórias que são contadas e costuradas de modo muito coeso: a do avô que escreve o diário desde a saída da Europa, a do pai, que a exemplo do seu também resolve contar a sua história de vida, talvez para que não se esqueça e até como exercício contra a doença e, por fim, a do narrador, que encerra a sequência escrevendo um livro sobre as três gerações.

Não tão longe da primeira geração, o filho narrador carrega ainda a identidade deslocada de um refugiado sobrevivente. A identidade moderna é descentrada, deslocada ou fragmentada, lembra-nos Hall (2006). A descentralização dos indivíduos, tanto do seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos, constitui uma crise de identidade para este. Naturalmente, vemos isso refletido na produção escrita do narrador, que compartilha conosco suas angústias, arrependimentos e melancolia para o passado, ou, como diz Pollak, com a memória herdada.

A memória herdada, para Pollak (1992), produz e encontra-se ligada ao sentimento de identidade. Identidade é, antes de mais nada, pertencimento. Os refugiados da narrativa, tais como o avô do narrador, por exemplo, veem-se diante de uma adaptação, a qual está ligada a uma necessidade de registrar os acontecimentos vividos. Ou ainda podemos lembrar da assertiva de Said acerca do exílio que provoca traumas e dores: “Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (Said, 2003, p.46). Ou seja, para Said (2003), o exílio constitui uma ruptura profunda entre o sujeito e seu

lugar de origem, produzindo uma “fratura incurável” entre o indivíduo e seu espaço de pertencimento. O afastamento do lugar natal não representa apenas uma mudança geográfica, mas implica a perda de referências afetivas, culturais e identitárias, fazendo com que a experiência do lugar perdido permaneça como uma dor permanente.

Em *Diário da queda*, essa perspectiva permite compreender o desenraizamento do avô do narrador, que, embora tenha reconstruído sua vida no Brasil, permanece marcado pela experiência de Auschwitz. Assim, o espaço abandonado continua presente por meio da memória traumática, ainda que o avô tente silenciá-la em seus cadernos, nos quais não há sequer uma linha sobre o campo.

Além da descrença nas instituições, o descrédito à política, a perda da rigidez dos valores, elementos como a perda do sentido e a inconsistência da modernidade nos tempos contemporâneos, conforme citados por Bauman (2001) são percebidos em *Diário da Queda*. O filho é o narrador e ao mesmo tempo o narratário (e também não é). Ele conta a sua história, repete-se conforme os seus fluxos de consciência, como se admite no trecho abaixo:

Desculpem se repito que Auschwitz ajuda a justificar o que o meu avô fez. Se é mais fácil culpar Auschwitz do que aceitar o que o meu avô fez. Se é mais cômodo continuar listando os horrores de Auschwitz, e tenho a impressão de que todos estão um pouco cansados disso, o número de sobreviventes de Auschwitz que acabaram exatamente como Primo Levi e o meu avô (...) Em trinta anos será quase impossível achar um ex-prisioneiro de Auschwitz (...) Em sessenta anos será muito difícil achar um filho de ex-prisioneiro de Auschwitz (...) Em três ou quatro gerações o nome Auschwitz terá a mesma importância que hoje tem nomes como Majdanek, Sobibor, Belzec (Laub, 2011, 117-118)

Neste caso da narrativa laubiana, quando as personagens decidem contar a sua história, de certa forma elas se transformam também em uma memória coletiva, sobretudo com aqueles que vivenciaram o lugar do campo de concentração, ou ainda

mais com aqueles que viveram e por uma questão de sorte ou quaisquer outros tipos de circunstância sobreviveram para contar.

O lugar dos refugiados, esse lugar recôndito, ermo, muitas vezes imposto à margem, onde as pousadas ou qualquer outro abrigo apinhado de gente acolhe pessoas de diversas nacionalidades em suas mais diversas situações sociais, financeiras e/ou religiosas. Em *Diário de Queda*, a pousada Sesefredo acolhe o refugiado avô do narrador. Saberemos muito tempo depois por meio do avô que os anos iniciais de refugiado em terras alheias e distantes da mãe nação não foram fáceis: o avô, por exemplo, teve que aprender línguas para poder ensinar matemática, trabalhar no comércio para sustentar-se e a posteriori para formar a própria família, constituindo a empresa que o pai do narrador vai herdar e administrar.

O conceito de lugar e não-lugar, desenvolvido por Marc Augé, é essencial para entender a identidade dos personagens refugiados na obra. O “lugar” seria um espaço de pertencimento, enquanto o “não-lugar” representa os espaços transitórios, sem história ou identidade. Segundo Marc Augé, o não-lugar é aquele onde o indivíduo não se reconhece, onde sua identidade não é confirmada pelo espaço que ocupa (Augé, 2003, p. 84). No romance de Laub, o avô do narrador representa um sujeito que transita entre o lugar e o não-lugar. Expulso de seu país natal, ele encontra refúgio no Brasil, mas sem nunca sentir pertencimento completo, pois o avô teve que aprender línguas para poder ensinar matemática. Com isso, o Brasil torna-se um “lugar repleto de oportunidades para um professor de matemática que não falava português”, um lugar para trabalhar no comércio para sustentar-se e, mais tarde, para formar sua própria família (Laub, 2011, p. 38).

Entre o narrador inominável e personagens idem, passamos a buscar não os seus nomes, mas uma justificativa para suas ações. O narrador anônimo começa a questionar as relações familiares e a estrutura de sua comunidade, assumindo uma posição desconfortável, mas essencial para a construção do romance. Ao interrogar um passado marcado pelo sofrimento e pela aniquilação (representado na história

do avô, sobrevivente de Auschwitz), ele se vê imerso em dúvidas sobre uma herança cultural e religiosa sustentada por um sistema dogmático. Nesse contexto, um presente desencantado se agrava pela ausência de qualquer perspectiva futura. Vivendo na Porto Alegre dos anos 1980, o narrador percebe que os relatos traumáticos incessantemente repetidos pelo pai pouco se conectam com sua própria realidade, revelando um abismo geracional que impossibilita uma verdadeira troca de experiências.

No ensaio clássico “O Narrador”, Walter Benjamin argumenta que, na modernidade, houve uma perda da capacidade de compartilhar experiências dotadas de um valor coletivo, as quais eram fundamentais para a constituição das sociedades tradicionais (*Erfahrung*, em contraste com a *Erlebnis*, de caráter individual). Essa perda compromete, consequentemente, a prática da narração de histórias. Tal incapacidade se torna ainda mais evidente no contexto da narrativa de eventos traumáticos, como os decorrentes da guerra e da perseguição aos judeus. Com base na tese benjaminiana, pode-se afirmar que o personagem não extrai desses relatos sobre seu avô qualquer aprendizado ou exemplaridade.

Benjamin, ao refletir sobre o narrador, observa que perdemos a capacidade de trocar experiências de forma coletiva, e o trauma da guerra radicaliza essa incapacidade (Benjamin, 1994). Isso ressoa no romance, pois o avô do narrador, que sobreviveu ao Holocausto, opta por não contar sua história oralmente, deixando apenas diários. Esse silenciamento gera uma lacuna geracional e um dilema para o neto, que busca reconstruir sua própria identidade a partir de memórias herdadas.

Os refugiados, imersos na transitoriedade que caracteriza a Pousada Sesefredo, buscam reencontrar-se em uma antiga Porto Alegre já marcada pela presença de diversos refugiados oriundos de distintos países europeus. No entanto, ao fazê-lo, deparam-se com o desencontro de suas próprias memórias, sendo, portanto, compelidos a reescrevê-las para que possam ser preservadas no âmbito familiar.

Embora pareça um espaço temporário, a Pousada Sesefredo desempenha um papel simbólico de transição: representa a passagem dos dias de sobrevivência para

um novo tempo, no qual se delineia a necessidade de enraizamento na nova terra. Esse espaço torna-se, assim, o ponto de origem da família do narrador, que se vê diante da decisão de transmitir (ou não) as histórias e vivências de seus antepassados.

A transmissão transgeracional pode ter um efeito profundamente desestabilizador para a geração que a recebe, especialmente quando ocorre sem a mediação de palavras ou afetos. Os valores transmitidos pelo pai ao filho, que também é o narrador, evocam o trauma do Holocausto vivenciado pelo avô, bem como a opressão e a perseguição sofridas pelo povo judeu ao longo da história, em diferentes contextos e períodos.

Nesse sentido, quando o filho decide transferir-se de uma escola judaica para uma instituição não judaica (*gói*), com o propósito de apoiar e restabelecer os laços com seu colega João, ferido na queda, isso desencadeia, no inconsciente paterno, uma intensa erupção de sentimentos persecutórios. A recusa enfática do pai em permitir a mudança de escola revela a permanência do trauma nazista: em seu inconsciente, ele recria a atmosfera opressiva da Alemanha de 1937, interpretando a decisão do filho como uma repetição daquela ameaça histórica. Como consequência da resistência paterna, o filho desenvolve um profundo ressentimento não apenas em relação ao nazismo, mas também ao próprio avô, cuja experiência nos campos de concentração se torna, para ele, um símbolo desse conflito geracional e identitário.

A condição aqui narrada apresenta um aparente paradoxo: o neto, descendente de um refugiado que se estabeleceu em uma terra estrangeira, encontra-se, por sua vez, exilado de outro local que também não é sua pátria. Ainda assim, ele se recusa a conhecer e compreender os acontecimentos vividos pelo avô, distanciando-se da memória familiar e do legado histórico que o antecede.

Para o avô, a existência estava fundamentada em um ideal de como o mundo deveria ser, enquanto, para o pai, ela se definia pelo que o mundo realmente foi. Conforme destaca o narrador, as memórias de seu avô podem “ser resumidas na frase como o mundo deveria ser, e daria até para dizer que as do meu pai são algo do tipo

como as coisas foram de fato” (Laub, 2011, p. 146, grifo meu). Ele então aprofunda sua reflexão sobre essas diferenças, ressaltando as distintas perspectivas que marcaram os homens de sua família.

E se ambos são como que textos complementares que partem do mesmo tema, a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares, o meu avô imobilizado por isso, o meu pai conseguindo ir adiante apesar disso, e se é impossível falar sobre os dois sem ter de também tomar uma posição a respeito, o fato é que desde o início escrevo este texto como justificativa para essa posição (Laub, 2011, p. 146).

Esse trecho do romance expressa um profundo dilema existencial e geracional. Ao afirmar que o avô e o pai representam textos complementares, o narrador afirma que a vida de ambos está imersa em um tema comum aos dois: “Auschwitz é a tragédia que concentra em sua natureza todas essas outras tragédias também não deixa de ser uma espécie de prova da inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares” (Laub, 2011, p. 146), ou seja, a ideia de que a experiência de viver está sempre marcada por dificuldades, perdas e traumas que atravessam todas as épocas e lugares.

A figura do avô, imobilizado por essa inviabilidade, pode ser interpretada como alguém paralisado por seus próprios traumas ou pela impossibilidade de superar o peso de seu passado, como o Holocausto, o que impede seu progresso ou a superação de suas limitações. Já o pai, por outro lado, apesar de estar igualmente marcado por essas dificuldades, consegue seguir em frente, enfrentando o sofrimento e as adversidades.

Ao dizer que é impossível falar sobre os dois sem tomar uma posição a respeito, o autor Laub sugere que, ao contar essas histórias, o narrador (e, por extensão, o próprio autor) precisa se posicionar diante dos caminhos tomados por essas duas figuras: a imobilização e a superação. Escrever sobre essa relação familiar, então, serve como uma justificação ou defesa de uma escolha pessoal do narrador em relação à forma de lidar com o legado e os traumas familiares. Isso implica que, ao abordar a

história de seu avô e seu pai, o narrador está não apenas registrando suas histórias, mas também refletindo sobre como ele próprio lida com essas experiências e o que escolhe aprender ou rejeitar delas.

O ESPAÇO COMO MEMÓRIA - A MEMÓRIA DO ESPAÇO EM *DIÁRIO DA QUEDA*, DE MICHEL LAUB

Em *Diário da Queda*, Michel Laub constrói uma narrativa densa e complexa, que gira em torno de um protagonista que, ao refletir sobre o passado, confronta-se com uma memória pessoal e histórica marcada por traumas e apagamentos. O espaço, enquanto elemento narrativo, adquire uma função fundamental na obra, indo além de sua definição física para se tornar um veículo de memória. A memória, nesse contexto, é o eixo que organiza a estrutura narrativa do romance, e o espaço, ao ser configurado como memória, adquire contornos de uma arquitetura emocional, que dialoga diretamente com a experiência psíquica dos personagens.

No romance, o espaço serve como um marcador da experiência. A relação entre memória e espaço é articulada de maneira a sugerir que o espaço físico pode carregar e refletir as impressões subjetivas de quem o habita. A memória dos lugares é construída a partir das interações afetivas dos personagens com os ambientes que ocupam, sendo esses espaços impregnados de significados emocionais. Esse fenômeno ocorre, por exemplo, quando o narrador se recorda de sua infância e da casa onde morava. Por isso, ele descreve que “O apartamento ficava num prédio ainda mais modesto que o do cunhado, um lugar com as paredes descascando, cheio de fios à mostra” (Laub, 2011, p. 12). As paredes e os objetos da casa tornam-se, em certo sentido, símbolos da própria memória do narrador, um reflexo de sua identidade e de sua relação com o passado: “(...)o meu nome escrito com giz na parede do corredor ao lado da estrela, e dessa vez eu mesmo me encarreguei de apagar” (Laub, 2011, p. 61).

Além disso, o espaço no romance de Laub é frequentemente descrito de maneira a evocar não apenas a geografia física dos lugares, mas também a dinâmica

emocional que eles representam. O autor faz uso de uma narrativa fragmentada, muitas vezes dispersa no tempo e no espaço, que vai refletindo a fragmentação da memória. As transições abruptas entre diferentes espaços e momentos temporais reforçam essa ideia de que a memória não segue uma linha reta, mas é repleta de lacunas, interrupções e sobreposições.

Michel Laub constrói sua narrativa a partir de uma estrutura fragmentada, em que memórias, testemunhos e reflexões se entrelaçam para reconstruir o passado e tentar dar sentido ao presente. O narrador, descendente de um sobrevivente de Auschwitz, encontra-se em um dilema entre lembrar e esquecer, refletindo sobre a transmissão da experiência através das gerações. “Desculpem se repito que Auschwitz ajuda a justificar o que o meu avô fez. Se é mais fácil culpar Auschwitz do que aceitar o que o meu avô fez.” (Laub, 2011, p. 117-118). Aqui, observa-se que a memória não é linear nem estática, mas sim uma reconstrução subjetiva do passado, permeada por lacunas e silêncio. Essa incapacidade de narrar completamente o trauma está diretamente ligada à discussão de Walter Benjamin sobre a perda da experiência compartilhada.

Outro ponto relevante na obra de Laub é a relação entre o corpo e o espaço, pois o corpo é também um espaço carregado de memória. O narrador, ao se deparar com suas próprias limitações físicas e psíquicas, passa a perceber o corpo como um espaço de registro das experiências passadas. A memória do corpo, nesse sentido, está conectada diretamente com os espaços habitados ao longo da vida, sejam eles materiais, como a casa ou a cidade, ou sejam eles internos, como a consciência e os sentimentos.

Laub faz uso de uma linguagem que mistura o físico e o psíquico, entrelaçando os dois em uma experiência compartilhada. Ao deslocar o espaço da memória para o corpo, o autor constrói uma metáfora de como os traumas e os afetos se inscrevem no corpo, tornando-o também um espaço de preservação da memória. O próprio título do livro, *Diário da Queda*, sugere uma queda não só física, mas existencial, que ocorre quando o corpo se torna um receptáculo da memória de um passado doloroso.

A memória do espaço também está relacionada à memória histórica. O romance de Laub coloca o indivíduo em contato com uma história mais ampla, marcada por eventos que escapam ao controle pessoal, mas que se refletem diretamente na experiência individual. Nesse sentido, o espaço não é apenas o local das vivências pessoais, mas também o cenário onde as marcas da história se inscrevem. O espaço físico, portanto, carrega consigo as tensões de uma memória coletiva, que se articula com a memória individual.

Ao fazer referência à história, o autor reflete sobre como os espaços públicos e privados são impregnados de significados que remetem a eventos e a contextos históricos, como a ditadura militar brasileira, que é uma presença latente no romance. A memória do espaço se desdobra então em uma memória coletiva que atravessa as gerações, e o espaço deixa de ser apenas um palco de ação para se tornar um veículo de uma história compartilhada.

Em Capão da Canoa eu ia ao cinema, ao fliperama, a um boteco ao lado do fliperama, onde no verão entre a oitava série e o primeiro ano do segundo grau eu comecei a beber todas as noites, e nenhum desses lugares existe hoje. (Laub, 2011, p. 70)

Neste trecho, Laub faz uso do espaço como uma construção da memória de forma fragmentada. O narrador não consegue lembrar da casa ou da rua do avô, o que indica que a memória do espaço não é clara, mas difusa e incompleta. As palavras que o avô dizia são as únicas lembranças que permanecem, mas essas palavras estão desconectadas de um lugar específico, sugerindo que a memória não é mais associada a um espaço físico concreto, mas a uma abstração.

Essa ambiguidade espacial reflete como o espaço, em *Diário da Queda*, está frequentemente marcado por lacunas e imprecisões, o que revela a fragilidade da memória. A ausência de imagens claras de lugares ou objetos sugere que a memória, ao ser evocada, está vinculada mais a uma sensação ou uma emoção do que a uma

reconstrução exata de um espaço físico. Isso ressoa com o argumento de que o espaço, em Laub, é mais do que um simples pano de fundo; ele é um território emocional que se mistura e se transforma ao longo do tempo e das lembranças do protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o referido trabalho considera os espaços constituídos e ocupados pelos refugiados como recurso também da linguagem e produção de memória, visto que o lugar e o não-lugar contribuem para a relevante questão da memória. Em *Diário da Queda*, Michel Laub utiliza o espaço de forma inovadora para explorar a complexidade da memória. O espaço não é tratado apenas como um simples cenário para as ações dos personagens, mas como um agente ativo na constituição da memória. Ele funciona como um repositório de emoções, de vivências e de traumas, sendo, ao mesmo tempo, físico e psíquico. A relação entre o espaço e a memória é marcada por uma experiência fragmentada e fluida, que reflete a própria natureza da lembrança, com suas lacunas, interrupções e sobreposições.

Ao tratar o espaço como memória, Laub nos oferece uma reflexão sobre como os lugares e os corpos carregam consigo os resquícios de nossas experiências, de nossa história e de nossa identidade. O romance, dessa forma, não apenas narra uma história pessoal, mas também abre um espaço para a memória coletiva, permitindo ao leitor refletir sobre o impacto do passado na construção da identidade no presente.

A relação entre *Diário da Queda* e as teorias do lugar e do não-lugar é fundamental para compreender os deslocamentos físicos e psicológicos dos personagens. No romance, os personagens oscilam entre esses conceitos, buscando um lugar para si, mas sem nunca o encontrar por completo. *Diário da Queda* é, portanto, um livro sobre deslocamento, memória e a tentativa de dar sentido a uma história que sempre se fragmenta antes de ser completamente narrada.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAUB, Michel. **Diário da queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LAUB, Michel. **Música anterior**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LAUB, Michel. **O gato diz adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 26 ago. 2026.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

Contribuição de Autoria

1 – Thiago Felício Barbosa Pereira

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Possui graduação em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí (2011). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Estudos Literários <https://orcid.org/0000-0003-3390-7832> • thiaggofbp@gmail.com
Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

PEREIRA, Thiago Felício Barbosa. O lugar e o não-lugar dos refugiados na narrativa “diário da queda”, de Michel Laub. **Literatura e Autoritarismo**, n. 45, e91311, 2026. DOI: 10.5902/1679849X91311. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/91311>. Acesso em: xx/xx/xx

